

# Os deuses de António Mora

Antonio Cardiello\*

PESSOA, Fernando (2013). *O Regresso dos deuses e outros escritos de António Mora*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim, 325 p.

O livro *O Regresso dos deuses e outros escritos de António Mora* organizado por Manuela Parreira da Silva, constitui, até à data, a mais recente edição integral de textos atribuídos ou atribuíveis à “figura fictícia pessoana que maior número de obras protagoniza” (p. 21), inserindo-se numa longa tradição de trabalhos que, à excepção da edição crítica das *Obras de António Mora* (edição de Luís Filipe Bragança Teixeira; Lisboa: INCM, 2002), desde os volumes pioneiros de Jacinto do Prado Coelho e Georg Rudolf Lind (*Páginas Íntimas e de Auto-Intepretação*, Lisboa: Ática, 1966; *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*, Lisboa: Ática, 1967) haviam surgido sobretudo na forma de antologias parciais ou noutras línguas (por exemplo, *Die Rückkehr der Götter*, edição de Steffen Dix, Frankfurt am Main, Fischer-Verlag, 2009).

Antes de ser associado a uma criação literária autónoma, António Mora surge como protagonista, por volta de 1910, da narrativa “Na Casa de Saude de Cascaes” (p. 12). Alto, austero, de barba branca, este louco residente do sanatório psiquiátrico anda de toga, enquanto declama o princípio da lamentação do *Prometeu Agrilhoado* de Ésquilo. O mito prometeico é rico em alegorias e não terá sido escolhido ao acaso: evocando o titã da mitologia grega, doador do fogo e da técnica aos homens para que fossem resgatados de um estado de barbárie original, Pessoa procurou, nalguma medida, equiparar a missão do titã à de Mora. Mora é o alter-ego fictício incumbido de trazer a luz do conhecimento a uma sociedade sem rumo após a extinção da grandiosa civilização helénica. Definido por Álvaro de Campos como “uma sombra com veleidades especulativas” que “passava a vida a mastigar Kant e tentar ver com o pensamento se a vida tinha sentido” (*Obra Completa de Álvaro de Campos*, Lisboa, Tinta-da-china, 2014, p. 460), Mora parece “acordar” quando se cruza com Alberto Caeiro, passando a ser o seu continuador filosófico. A produção doutrinária moriana acabará assim por defender um retorno à Grécia Antiga e por propugnar uma repaganização do mundo, como conclusão lógica do diagnóstico da decadência e do “morbo mental do homem moderno”.

Neste sentido, o “médico da cultura” e ensaísta António Mora, “concebido para dar expressão à vocação filosofante de Fernando Pessoa” (p. 21), torna-se, juntamente com Caeiro, Reis e Campos, numa peça fulcral para fixar os

---

\* IFILNOVA – FCSH – UNL.

pressupostos teóricos do “Neo-paganismo português”, ainda que não chegue a atingir, como os outros três, o estatuto pleno de heterónimo.

O paganismo revisitado por Pessoa através da máscara de Mora afirma-se como um movimento de transformação cultural que implicaria um regresso à antiguidade pagã em matéria de religião, metafísica e estética. Este “neo-paganismo” tem muitos elementos em comum com a filosofia afirmativa e “dionisíaca” de Nietzsche: por exemplo, a “fidelidade à terra”, à sua materialidade e às suas forças contraditórias; a estética do sentimento trágico da vida; e a destituição da metafísica da subjectividade.

Ao alertar para a necessidade de não confundir a vida com a procura da sua explicação, Mora assume um novo primitivismo, que recusa e rejeita ideais como a salvação, a santidade, a transcendência e o mistério da fé, por lhe serem completamente alheios. Além disso, Mora exalta a dimensão pluralista das forças da Natureza, da qual o homem se afastara rejeitando o sensualismo. É nessa Natureza de origem remota que se cumpre, precisamente, a aproximação máxima entre os homens e os deuses: Mora define os deuses do mundo material dos gregos e dos romanos como homens aperfeiçoados ou perfeitos, como homens maiores, como seres eleitos pela desmesura, pela excedência da sua mesma humanidade, enquanto objectivações formais dos instintos humanos, no seguimento de Píndaro, que julga a raça dos deuses e dos homens uma só.

Por detrás da mundividência exposta, há um plano de superação quer do racionalismo iluminista, quer do romantismo, ou melhor, uma fusão dos dois “ismos” transmutados em desejos conscientes, e não em crenças cegas, dogmáticas e monolíticas; e há uma tentativa de apropriação do processo inventivo no sentido de aperfeiçoar a existência e de transportar o indivíduo até um plano suprapessoal de valores reconfigurados.

O *amor fati*, a insustentabilidade do livre arbítrio, o aristocratismo intelectual, a estética vitalista, a moral da força e da saúde, a desnaturalização dos valores – que visam rebater o Cristianismo, o Liberalismo e o Socialismo – e a morte das principais categorias da Modernidade, convivem nos textos morianos de maior incidência pagã, estabelecendo pontes com as propostas filosóficas de Hegel, Schopenhauer, Kant, Carlyle e Emerson, para citar apenas as influências mais explícitas.

Ora, a edição de Manuela Parreira da Silva dá justamente visibilidade a todos esses tópicos, agrupando a produção de Mora – contabilizada num total de 195 fragmentos – em onze secções “sendo sete delas correspondentes a outras tantas obras com títulos previstos por Pessoa” (p. 29), a saber: “O Regresso dos Deuses”, “Prolegómenos a uma reformação do Paganismo”; “Prolegómenos a uma reformação do paganismo; Fundamentos do Paganismo”; “Dissertação a favor da Alemanha, Introdução ao estudo da metafísica”; “Ensaio sobre a Disciplina”; “Dissertação sobre o Artificialismo”.

As restantes quatro secções “incluem os fragmentos destinados a publicações cujo título não é claramente explicitado” (p. 29), como, por exemplo, alguns textos preparatório para prefácios à obra caeiriana. Finalmente, existe um “Apêndice” que inclui quatro fragmentos redigidos presumivelmente por Pessoa, com a indicação de serem respostas ou réplicas a Mora, dois textos com referência às obras morianas e ainda uma selecção dos principais planos e projectos editoriais relacionados com trabalhos de António Mora.

Observando de perto a estrutura do volume assim descrita, destaca-se imediatamente uma diferença nítida em relação à estrutura das edições anteriores e, nomeadamente, em relação ao trabalho editorial com o qual Parreira da Silva permanece mais “em diálogo” e mais em oposição: a já referida edição das *Obras* de Mora organizada por Luís Filipe Bragança Teixeira. Como as vinte e duas páginas da introdução bem esclarecem, contrariamente à abordagem de Teixeira, que optou por reposicionar fragmentos pertencentes a determinadas obras, deslocando-os para outros projectos, era preciso seguir critérios filológicos e hermenêuticos mais cautelosos para a fixação, inclusão e sobretudo exclusão de fragmentos. Parreira da Silva optou por redefinir o *corpus* moriano a partir de um entendimento mais alargado da função de António Mora no seio do universo heteronímico e tendo em consideração as frequentes hesitações de Pessoa em termos de atribuição autoral (paradigmática, neste sentido, é a história da génese de *O Regresso dos Deuses*). Além disso, Parreira da Silva assumiu a necessidade de organizar os fragmentos de obras idealizadas e só parcialmente concretizadas, sem deixar de reconhecer que a consequência dessa organização seria “ficar, muitas vezes, no domínio das conjecturas” (p. 23). O seu objectivo declarado consiste em “encontrar uma sequência lógica para a apresentação dos textos” (p. 24) e “assumir a fatal incompletude das obras” (p. 24), propondo “textos não definitivos de obras não definitivas” (p. 24). Esses textos terão sido escritos entre 1914 e o início da década de 1930, mas com um arco de produção mais marcado entre 1914 e 1918 (p. 27).

Para finalizar, e passando a uma consideração mais “técnica” do volume, sou da opinião que, para além do índice topográfico final – uma novidade significativa para a colecção pessoana da Assírio & Alvim –, a inclusão um índice onomástico teria também constituído uma ferramenta muito útil para o leitor. No entanto, a sua ausência não diminui, em absoluto, o valor de um empreendimento editorial que tem o mérito indiscutível de trazer relevantes melhorias (embora não definitivas) às tarefas de decifração e atribuição de determinados textos, sugerindo oportunas soluções para segmentos obscuros e questões deixadas em aberto em edições anteriores.